

EDUCAÇÃO DAS SENSIBILIDADES, MEMÓRIA E "PATRIMÔNIO VIVO" EM BANANEIRAS/PB

Elarisse Pinheiro Estevão Barbosa¹
Vivian Galdino de Andrade²

Resumo

Muito se tem discutido sobre patrimônio cultural, principalmente no que tange aos municípios tidos como históricos, que trazem em sua arquitetura traços de um passado que se viveu, geralmente ligado a algum ciclo econômico tão bem discutido por uma História dita científica e oficial. Neste artigo, continuaremos a contribuir com o debate acerca do patrimônio, mas tomando outros caminhos. Por isso, trazemos o objetivo de refletir a fortuita relação entre educação, memória e patrimônio, com vistas a estimular a valorização e a preservação dos bens históricos da cidade de Bananeiras/PB. Nossa proposta é discutir o patrimônio arquitetônico desta cidade por meio das memórias e afetividades de um sujeito local, a quem tomamos como "patrimônio vivo". Associar a afetividade como mais um elemento que torna a memória edificada importante de ser valorizada, permitiu-nos reconhecer os diversos sentidos e significados que uma história dita oficial não registra. Para tanto, tomamos as memórias de Dona Terezinha como o fio condutor de acesso às histórias da cidade. Esta senhora de 82 anos possui três livros publicados e uma vida dedicada a educação do município, nestes termos podemos deduzir que sua 'história de vida' se entrelaça a 'história da cidade', estão imbricadas e materializadas no patrimônio arquitetônico que emoldura o Centro Histórico do município. Como pressupostos teórico-metodológicos nos apropriamos da Educação Patrimonial (para trabalhar a concepção educativa de patrimônio) e a História Oral ("temática e de vida", para operacionalizar as memórias e sobre elas produzir uma história). Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, histórica e documental, permitiu-nos apresentar o patrimônio a partir de memórias sensíveis, despertando seu potencial pedagógico para a educação patrimonial das novas gerações.

Palavras-Chave: Patrimônio, Educação dos Sentidos, Memória afetiva

Abstract

Much has been discussed about cultural heritage, especially regarding the municipalities considered historical, which bring in their architecture traces of a past lived, generally linked to some economic cycle so well discussed by a so-called scientific and official history. In this article, we will continue to contribute to the debate about heritage, but taking other paths. Therefore, we aim to reflect the fortuitous relationship between education, memory and heritage, with a view to stimulating the valorization and preservation of the historical assets of the city of Bananeiras / PB. Our proposal is to discuss the architectural heritage of this city through the memories and affectivities of a local subject, whom we take as "living heritage". Associating affectivity as another element that makes the built memory important to be valued, allowed us to recognize the various meanings and meanings that an official history does not register. To this end, we take Dona Terezinha's memories as the guiding thread for access to the city's stories. This 82-year-old lady has three published books and a life dedicated to the education of the municipality. In these terms we can deduce that her 'life story' intertwines with the 'history of the city'. of the municipality. As theoretical-methodological assumptions we appropriated Heritage Education (to work the educational

¹ Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba <tneve@zipmail.com.br>

² Professora Orientadora. Mestre e Doutora em Educação. <vivetica@hotmail.com>

conception of heritage) and Oral History ("thematic and life", to operationalize memories and produce a history about them). This research, with a qualitative, historical and documentary approach, allowed us to present heritage from sensitive memories, awakening its pedagogical potential for heritage education of new generations.

Keywords: Heritage, Senses Education, Affective memory

Artigo Submetido ao Curso de Pedagogia no dia XXX de outubro de 2019. Aprovado em: ____/____/____.

1. "*Passos Introdutórios*": o confeccionar de uma pesquisa

Este artigo que ora apresento se situa no campo de estudo da Educação e de suas relações com o Patrimônio Histórico. Ele busca investigar - por meio das memórias - a história de uma cidade do Brejo Paraibano, tombada pelo IPHAEP- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba pelo Decreto 31.842 de 04 de dezembro de 2010 - Bananeiras.

As memórias serão o caminho que nos levará a refletir sobre a representação simbólica e afetiva que o patrimônio arquitetônico de Bananeiras pode constituir na vida dos seus sujeitos moradores. Para além da função social de cada local, minha proposta é apresentar o patrimônio vivo da cidade, isto é, os seus sujeitos moradores e as memórias afetivas que eles possuem com estes lugares. Esta operação nos levará a acessar histórias ainda não registradas, presentes nas lembranças de quem um dia vivenciou este passado na cidade e que por isso mesmo pode dele falar com propriedade.

"Lugares da História", "espaço de turismo", "ambientes destaque político", assim são corriqueiramente pensados os patrimônios arquitetônicos de uma determinada cidade. Neste artigo tomamos outra direção, nos voltamos a cartografar a relação afetiva que estas memórias edificadas despertam com os habitantes da cidade. A sensibilidade demonstrada por cada sujeito histórico ao falar de determinado local expressa uma relação única com o bem patrimonial, e essa afetividade quando conhecida e divulgada emociona e educa os sentidos daqueles que com o patrimônio arquitetônico se relaciona. Enquanto pesquisadora, não resido em Bananeiras, mas fui educada sensivelmente pelas memórias edificadas que perpassam e constituem esse lugar.

Os projetos dos quais participei durante toda a minha formação acadêmica no curso de Pedagogia³ me conduziram a um olhar que (en)foca a história em seu aspecto material. Por não possuir com Bananeiras nenhum vínculo afetivo mais próximo, foi pesquisando e conhecendo seu patrimônio que passei a melhor identificá-lo, senti-lo, vê-lo como parte de uma história que constitui a cidade e que agora perpassa também as minhas memórias com este lugar.

Enquanto bolsista, me foi oportunizado grandes aprendizados acerca da metodologia da Educação Patrimonial, através da participação em projetos de ensino e em extensão. Em um destes projetos - **A educação patrimonial em Bananeiras** (2017), buscamos conhecer e registrar a história do patrimônio arquitetônico da cidade. Dividido em duas etapas, o projeto buscou: 1. a constituição de um vínculo afetivo com o patrimônio quando sobre ele construímos - com a ajuda dos moradores - um registro histórico para cada prédio estudado; e 2. a formação de professores e futuros educadores sociais para o "processo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural" (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p.3).

Nesta segunda etapa, oito oficinas foram ministradas⁴, entre elas a "Dar voz à história viva", que trazia como objetivo apresentar a história da cidade de Bananeiras através dos olhares de dois antigos moradores, Dona Terezinha e Seu Manoel⁵. No decorrer do encontro, os convidados expressaram e provocaram grandes emoções ao relatar suas lembranças e vivências na cidade de Bananeiras, gestando em nós um tipo de saudade de um tempo que não vivemos, mas que foi - de certa forma - por nós experienciado a partir de suas lembranças.

³ "A Educação Patrimonial em Bananeiras: uma articulação integrada entre a história, a memória e a cidade" (Projeto UFPB no seu município, 2017), "Sob os signos históricos da cidade: Bananeiras e a educação patrimonial" (PROLICEN - 2017), "Trabalhando a educação patrimonial em Bananeiras por meio de jogos educativos" (PROLICEN - Programa de Licenciaturas, 2018) e "A formação de agentes mirins em Bananeiras por meio da Educação Patrimonial" (PROBEX - Programa de Bolsas de Extensão, 2019).

⁴ Oficinas: 1. Descobrimos Valores: o saber e o sabor da história; 2. Brincando e aprendendo: O olhar e suas representações; 3. Cine Patrimônio: conhecendo o patrimônio da cidade; 4. Dar voz à história viva; 5. Produção de jogos para o trabalho da Educação Patrimonial com crianças; 6. Construindo um inventário participativo; 7. Era assim e Como está?; 8. City-Tour: Circuito do saber.

⁵ Terezinha Campos Coutinho é o nosso sujeito de pesquisa, sobre ela apresentamos mais informações a seguir. Já Manuel Luiz da Silva, alagoano, possui mais de 15 livros de memória produzidos em torno da história de Bananeiras e do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros. Atualmente trabalha de forma voluntária nos espaços de memória do Campus III, da UFPB. É referência de pesquisa quando se trata da história da cidade.



F01. Oficina "Dar voz à história viva".
Fonte: Acervo do projeto, 2017

Pensar nesse encontro, acima registrado, ressaltou a importância da valorização da memória para a constituição de uma identidade coletiva, além disso, em tal momento compreendi que além da história contada nos livros didáticos existe aquela tecida por meio das memórias, que narram fatos ainda não registrados por uma história dita oficial. Tais vivências afetam e educam nossas sensibilidades, reorientando nossa forma de olhar, perceber e simbolizar a cidade.

A oficina me permitiu desenvolver ainda um novo olhar, que enxerga os sujeitos e suas memórias também como "patrimônio vivo" da cidade. Assim, essas experiências me inspiraram a discutir a ideia de patrimônio a partir dos relatos das memórias sensíveis de Terezinha Campos Coutinho⁶. Suas lembranças me auxiliaram a registrar versões de uma "outra/nova" história para cidade, constituídas das vestes de uma memória e uma identidade em Bananeiras.

"Os caminhos percorridos": uma discussão metodológica

É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, idéias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos. (PESAVENTO, 2005, p.2)

Como trabalhar a educação por meio das memórias? Como conceber e preservar o patrimônio por meio de uma história de vida? Foi perseguindo estas indagações que nos

⁶ Escolher Dona Terezinha como sujeito de pesquisa também se deu em razão de uma experiência vivenciada em um dos estágios supervisionados do curso de Pedagogia - Estágio Supervisionado Estágio Supervisionado V Ensino Fundamental - 3 e 4 anos onde pude trabalhar, por meio das memórias afetivas, com idosos na Educação de Jovens e Adultos. Suas memórias eram compartilhadas em sala e geravam momentos ricos para a troca de experiências.

utilizamos da metodologia da Educação Patrimonial (para trabalhar a concepção educativa de patrimônio histórico) e da metodologia da História Oral ("temática e de vida", para operacionalizar as memórias e sobre elas produzir uma história educativa em Bananeiras).

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, traça uma abordagem histórica e documental. Histórica, tanto por lidar com um objeto que se situa no passado - o patrimônio arquitetônico - quanto por lançar mão de fontes históricas (documentais e relatos orais) para trazê-lo à reflexão. Uma investigação assim se preocupa em descrever os aspectos de seu objeto/sujeito de estudo, pautando-se na concepção de uma produção histórica imbricada na fronteira entre a importância da valorização do patrimônio histórico e dos sentidos e significados que eles despertam nas histórias de vida dos sujeitos que nele habitam.

A metodologia da história oral, temática e de vida, é uma ferramenta que consiste em produzir uma fonte de pesquisa na qual se pode conhecer diferentes experiências e histórias dentro de um determinado contexto e momento social. Almeida explica que:

Abarcando a dimensão temporal da experiência, a narração impõe significados às memórias múltiplas e fragmentadas. Deve-se, então, considerar a versão oferecida pelo narrador como parte de um contexto histórico. As narrativas orais proporcionam um foco especialmente rico para investigação, pois estão duplamente ancoradas em eventos humanos: a narrativa conta um evento e é um evento. A narrativa não é apenas contada, ela é apresentada, "performatizada" (ALMEIDA, 2007 p.105)

Neste contexto, quando se fala em história oral e de vida, não se espera uma representação tal qual ocorreu no passado, mas em nosso caso, relatos e memórias de uma vida, recortados numa determinada temática, ou seja, a relação de Dona Terezinha com o patrimônio arquitetônico da cidade.

Ao utilizar desse método o pesquisador procura fazer com que os sujeitos que participaram da história, ou tiveram contato com ela, possam lembrar, reviver momentos, produzindo narrativas orais de acordo com as memórias existentes. Não se pode perder de vista que cada memória se relaciona com o presente, sendo seletiva e um tanto quanto tendenciosa⁷. Ou seja, ela permite ao pesquisador um diversificado campo de visão sobre, ao passo que também dá acesso a uma multiplicidade de experiências subjetivamente condicionadas.

No que se refere ao sujeito desta pesquisa - Dona Terezinha - sua trajetória de vida está imbricada com a história local de Bananeiras. Desde sua chegada a cidade (na Estação

⁷ Pinsky (2008, p.64) relata que "A História oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade".

Ferroviária), seus anos de formação educacional (no Colégio Sagrado Coração de Jesus), sua estadia em residências históricas (como a Fazenda de Roma), bem como sua contribuição social no que se refere ao anos de docência na Escola José Rocha Sobrinho), a história de vida desta poetisa professora está diretamente associada a história dos patrimônios arquitetônicos da cidade.

Quanto a Educação Patrimonial, metodologia que também lançou mão nesta pesquisa, pode ser compreendida como um "processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo." (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 6). Ao passo que a Educação Patrimonial consiste no trabalho com o patrimônio cultural, a história oral vem como um instrumento essencial para a descoberta de novas informações sobre cada lugar, tornando-se assim, uma ferramenta que nos auxilia na colheita de memórias, fragmentos de uma história tornada fonte para a produção de um conhecimento sobre Bananeiras.

Foi trilhando este caminho, delineado pela junção destes preceitos das duas metodologias, que passei a refletir: como o patrimônio vivo educa? A partir dessa questão problema, sinalizo os objetivos dessa pesquisa: 1. Discutir a ideia de patrimônio arquitetônico a partir do acesso à memória de Dona Terezinha; 2. Refletir sobre os sujeitos de uma história como patrimônios vivos de uma cidade e 3. Apontar a memória afetiva como um instrumento de educação patrimonial em Bananeiras.

"Bananeiras": um cenário de pesquisa

Embora que dentro de uma comunidade existam diversas personalidades, a identidade cultural vem como uma forma de se conseguir a unificação desse povo, os distinguindo de outros povos, seja através de características, gostos, culinárias e entre outros aspectos. Compreender que a identidade cultural se constitui a partir de processos e representações culturais comuns à comunidade permite que o sujeito se reafirme enquanto participante ativo da história, desenvolvendo um sentimento único de pertença a algo, ou a esse grupo social. Essa identidade, porém, liga-se intimamente a memória e a história, pois essas são como indissociáveis:

o historiador [*da educação*], entendido como artesão realiza um processo de reflexão em cada artefato produzido, sabendo que cada processo é construído de tempo e memória. Em outras palavras, não há nada que exista que não seja permeado de memória, de história que é envolto pelo tempo. A História é a forma específica de operação sobre a Memória. A memória é a matéria-prima sobre a qual o artesanato do historiador [*da educação*], se constrói, por meio da interrogação, dos

procedimentos científicos, por meio da investigação que desnatura a memória para transformá-la em coisa não sabida (TOLEDO; COSTA, 2014, p. 13-14). *Grifos nossos*

Como um artesão, o historiador da educação toma a memória como fonte da História. A identidade coletiva é imbuída desta memória social, sendo constituinte e constituidora dela. Nesse contexto, é por meio desta memória cultural que a história local é tecida, estando imbricada num processo que gesta um sentimento de familiaridade e pertencimento no sujeito da cidade, na relação com o seu "patrimônio cultural".

Pensar o patrimônio cultural de uma cidade é pensar a própria sociedade, uma vez que ele se constitui pelo conjunto das manifestações e expressões desta sociedade ao longo da História. Como um "bem", este patrimônio se apresenta como "material" (os bens tangíveis, aqueles que são concretos e palpáveis) e "imaterial" (também chamado de "patrimônio vivo, caracteriza os bens intangíveis, isto é, as formas de fazer, dizer, ver e sentir de um povo, suas receitas, danças, brincadeiras, festividades e tradições). Como patrimônio "vivo", estas representações dão sentido a vida em sociedade.

Assim como o patrimônio é histórico, ele também é Natural, envolvendo o ser humano e todo o meio ambiente que o rodeia - são os bens naturais. Sobre o conceito de patrimônio Cecília Londres (2001, p. 69-78) explica que "Patrimônio é tudo o que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos e obras de arte, e também as festas, músicas e danças, os folguedos e as comidas, os saberes, fazeres e falares. Tudo enfim que produzimos com as mãos, as idéias e a fantasia". Pensar em patrimônio, desta forma, demanda considerar um conceito de ampla significação e de grande peso em termos de herança cultural e identidade social de um povo.

Em Bananeiras, o patrimônio arquitetônico existente é fruto de sua relação com o café, uma vez que chegou a ser a segunda maior produtora do gênero no Nordeste, em meados do século XIX. Esse traço da opulência da vida passada no patrimônio arquitetônico da cidade gerou o tombamento de seu Centro Histórico pelo IPHAEP em 2010⁸, como já apontamos. Esse conjunto predial comporta, no último levantamento realizado pelo instituto mais de 80 instalações, dentro de uma área de 25,36 hectares. Sobre isso, ainda em 1999, a Lei Municipal Nº152 já apontava a proteção do patrimônio cultural do município, alertando em seu artigo 7º que "Os bens compreendidos na proteção da presente Lei, terão uma redução de 50% do imposto predial e territorial urbano, enquanto o proprietário zelar pela sua conservação". Esse

⁸ Recentemente o IPHAEP realizou um evento em alusão ao Dia Nacional do Patrimônio intitulado V Semana do Patrimônio Cultural da Paraíba, em suas ações comemorativas foi lançada a 4ª edição do informativo Parahyba - Bananeiras, no dia 17 de agosto de 2019.

estímulo fortaleceria as ações de uma política pública voltada a preservação do patrimônio arquitetônico na cidade, no entanto que isso não surtiu muito efeito, sendo atualmente os números casos registrados no ministério público de descumprimento da legislação. Já em 2017, a Lei Municipal Nº771, estabelece a Peteca de Banana, uma iguaria típica da cidade, como patrimônio imaterial.

Dessa forma, o patrimônio tem caráter exemplar por suas características únicas de forma, estilo e função, sendo também testemunhas concretas do convívio social, da tecnologia e das crenças de uma determinada época e lugar. São preservados (ou deveriam ser) com o objetivo de lembrar algum fato, momento ou personagem histórico, que em algum instante marcam simbolicamente a memória social de um povo.

Apresentar os patrimônios de Bananeiras através do olhar do nosso sujeito de pesquisa consiste em propor ao/a leitor/a uma ressignificação dos lugares, uma possibilidade de pensar no papel que um determinado patrimônio pode desempenhar na vida de indivíduo, bem como na relevância que isso pode adquirir para os demais moradores da cidade.

2. "Patrimônio Vivo": Dona Terezinha e as memórias de um lugar

Eu já me considero de Bananeiras, eu vivi mais a minha vida aqui do que em outro canto. Depois que me tornei professora e diretora a melhor coisa que acho no mundo é rever meus alunos. Ai meu Jesus, eu choro! Só de falar nisso já me dá vontade de chorar. Quando eles dizem: eu era isso ou aquilo e me transformei, hoje estou formado... (emocionada. Sou Terezinha Campos Coutinho, 81 anos. Não faço questão de dizer a minha idade é um orgulho ter chegado até aqui! (Terezinha Mendonça Coutinho, 2019)

Esta doce senhorinha, de tez branca e olhos azuis, rememora partes de sua vida docente, papel que vivenciou em Bananeiras durante quarenta anos. Entre suas paixões, a família e o trabalho transitam como papéis principais. Natural de João Pessoa/ PB, foi aluna interna do Colégio “Sagrado Coração de Jesus” por oito anos, tendo atuado como diretora do Colégio Estadual “José Rocha Sobrinho”⁹. Dedicou grande parte de sua vida a educação de Bananeiras.

Autora de três livros de poemas: 1. "Poemas que saem da alma"(2005), 2. "Poemas que brotam do coração" (2006) e 3."Retalhos de minh'alma" (2014)¹⁰, que trazem como

⁹ O José Rocha Sobrinho é uma escola cidadã da rede Estadual de ensino. Esta instituição substituiu o Colégio Sagrado Coração de Jesus quanto a formação de professoras (Ensino Normal) e foi fundada em 1962, pelo Decreto 2.946, de 10 de novembro.

¹⁰ O livro "Poemas que saem da alma" (2005) se trata principalmente de Antônio Mendonça, a autora traz em poemas sua vida depois da morte de seu esposo. "Poemas que brotam do coração" (2006) retrata a vida de casada da autora, principalmente na Fazenda de Roma, mas também anuncia em poemas lugares que

cenário a cidade de Bananeiras e a história de amor que viveu com seu esposo, Antônio Mendonça Coutinho. "Toinho", como chama carinhosamente seu esposo, teve uma carreira política ativa na cidade, sendo eleito vereador, por três vezes, nos anos de 1963 a 1976. Nomeado pelo Estado para exercer a profissão de Defensor Público em 1982, ele continuou trabalhando mesmo após a sua aposentadoria em 2003, vindo a falecer no dia 07 de julho de 2004.

Seu Antônio Mendonça e Dona Terezinha



F02. Festa de Reis Bananeiras (1956)

Fonte: Acervo Pessoal da Poetisa, 2019

Filho de Guiomar Mendonça e Antônio Coutinho Filho, prefeito de Bananeiras nos anos de 1951 a 1955, Toinho nasceu em 28 de março de 1938 na fazenda Roma. Em 1954, em uma de suas viagens de trem para Bananeiras, encontrou-se com Dona Terezinha, e "foi amor à primeira vista" (COUTINHO, 2019). Casaram em 19 de março de 1958 e por dez anos moraram na Fazenda Roma, local que abriga a antiga casa de Sólon de Lucena¹¹, presidente da Paraíba durante os anos de 1920 a 1924.

As sensibilidades de Dona Terezinha, seu lugar social, suas memórias e histórias tem sido concebidas, na cidade de Bananeiras, como instrumentos educativos para se pensar e se dizer a cidade. Sendo referência a ser citada, suas lembranças acabam sendo associadas, dentro do contexto educacional, como registros de um passado que se quer ser lembrado em Bananeiras. Sua história com a cidade se confunde com a história local, tendo assumido diversas funções em algumas instituições do município:

presentificam os bons momentos vividos com seu esposo no Engenho Gameleira. Já Em "**Retalhos de minh'alma**" (2014), a autora expõe em poemas a saudade de seu esposo.

¹¹ Presidente era o nome da época ao que se entende hoje como governador. "Sólon Barbosa de Lucena nasceu na cidade de Bananeiras (PB) no ano de 1877, filho de Virgínio de Melo e de Amélia Barbosa de Lucena. [...] foi professor em sua cidade natal e dedicou-se muitos anos ao magistério. Em 1913 foi eleito deputado estadual na Paraíba e logo designado presidente da Assembleia Legislativa. [...]Faleceu na cidade da Paraíba, posteriormente João Pessoa, em 1926" (Fonte: CPDOC, 2019)

Tabela 1- Cargos ocupados por Terezinha em Bananeiras

| INSTITUIÇÃO | CARGO | PERÍODO |
|--|-----------------------|------------------------|
| Grupo Escolar Xavier Júnior | Professora | 1978-1982 |
| Colégio José Rocha Sobrinho | Professora Gestora | 1983-1990 1991-2012 |
| Escola Normal Estadual Pedro Augusto de Almeida | Gestora | 2009 -2010 |
| Escola Municipal de Ensino Fundamental “Prof.ª Emília de Oliveira Neves” | Gestora | 2003-2004 |
| PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) | Sub Coordenadora | 2011-2014 |
| Centro Cultural Oscar de Castro | Vice Diretora | 2015-2018 |

Fonte: Quadro produzido pelas autoras, 2019

Durante estes 40 anos de atuação em cargos administrativos em Bananeiras, muitos destes formando crianças em Bananeiras. Tornou-se professora na escola *Xavier Junior*, primeiro grupo escolar do município, datado de 1934. Lá atuou na modalidade EJA (de Educação de Jovens e Adultos). Quando convocada para trabalhar no José Rocha Sobrinho como professora, logo se destacaria, assumindo como gestora a direção da instituição em 1991. Anos depois, mesmo aposentada aceitou o convite de assumir a gestão da Escola Normal Estadual Pedro Augusto de Almeida, lá ficando por dois anos. Atuou ainda como subcoordenadora do PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) durante quatro anos, e como vice-diretora do Centro Cultural Oscar de Castro¹² permaneceu até o final de 2018.

Por tantas atividades realizadas na cidade, Dona Terezinha recebeu da Câmara de Vereadores do município uma comenda¹³ em 2016, pelos bons préstimos dispensados em prol da cidade. Já em 2017, durante a exposição dos trabalhos produzidos pela Oficina de Educação Patrimonial de Bananeiras, realizada pela UFPB - Campus III, recebeu placa de reconhecimento público "Pelo cultivo da memória e da história da cidade".

O reconhecimento e a valorização destas lembranças pessoais, dentro do processo de confecção de um História oficial, permite perceber esses "sujeitos comuns" (CERTEAU, 1998) como partícipes da história da cidade. Patrimônios vivos¹⁴, que em suas memórias

¹² Fundado em 15 de outubro de 2009, durante o governo de Marta Eleonora Aragão Ramalho, o Centro Cultural Oscar de Castro reúne auditório, biblioteca, salas de funcionamento das Secretárias Municipais, salas de reuniões e estudos, espaço de exposições culturais e festas comemorativas. É um lugar de "práticas sociais e educacionais".

¹³ É uma condecoração dada geralmente a quem se destaca em suas profissões.

¹⁴ Quanto a isso, chamamos atenção para uma " iniciativa inédita no país, Pernambuco é o primeiro estado brasileiro a instituir, no âmbito da Administração Pública, o Registro do Patrimônio Vivo, que reconhece e gratifica com uma pensão vitalícia mensal representantes da cultura popular e tradicional do Estado. A Lei do Registro do Patrimônio Vivo (Lei nº 12.196, de 2 de maio de 2002). Confira esta notícia em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=607&Itemid=1. Acesso em: 10/10/2019.

despertam o estímulo à preservação do que é histórico na cidade, pois dotam ele de sentido.

Neste contexto, o Manual de Educação Patrimonial explica que:

Patrimônio Cultural não são somente aqueles bens que se herdam dos nossos antepassados. São também os que se produzem no presente como expressão de cada geração, nosso "Patrimônio Vivo": artesanatos, utilização de plantas como alimentos e remédios, formas de trabalhar, plantar, cultivar e colher, pescar, construir moradias, meios de transporte, culinária, folguedos, expressões artísticas e religiosas, jogos etc. (GRUNBERG, 2007, p.5)

Assim, compreende-se que os moradores são os primeiros bens patrimoniais da cidade, suas narrativas constituem fontes históricas que atribuem significado ao patrimônio, principalmente quando se compreende que "a vida é nosso primeiro patrimônio" (GRUNBERG, 2007, p.7).

3. "Percorrendo os trilhos das memórias": Educação dos sentidos e patrimônio arquitetônico em Bananeiras

As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos. Nesta medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a ser capturado no passado, ou seja, a própria energia da vida, a enargheia, de que nos fala Carlo Ginzburg. (PESAVENTO, s.p.)

"O resgate dos sentimentos, das formas de agir e pensar de outros homens em um outro tempo" (Idem) tem sido foco de estudo da História da Educação, que passou a se preocupar, a partir dos anos de 1960, com a educação dos sentidos, ou seja, com os modos de fazer e de agir, mas mais que isso, de pensar e também de sentir. É o que coloca Taborda (2018), quando aponta que

Se a história da escola ocupou lugar privilegiado na agenda de pesquisa dos historiadores até tempos muito recentes, hoje é imperioso reconhecer a multiplicidade de enfoques, problemas e perguntas que a história da educação dos sentidos e das sensibilidades pode suscitar para além da esfera da escolarização (TABORDA, 2018, p.122).

Ao entrevistar minha colaboradora para esta pesquisa, me senti extremamente envolvida em suas palavras, era como se eu pudesse ver todos os patrimônios que ela citava. Em meios a estas palavras, convido também a você leitor a embarcar conosco nesse virtuoso trem que representa a vida de Dona Terezinha, carregando em cada estação patrimônios que

marcaram seu passado, mas que também passam a demarcar o nosso quando pelos seus relatos os lembramos.

3.1. "Primeira Parada" - Colégio Sagrado Coração de Jesus



Colégio Sagrado Coração de Jesus, 1943.
Fonte: Revista Era Nova, 1924

Eu morava com meus avós no Engenho Gameleira, município de Pilões de Dentro, quando cheguei aqui. Comecei o primeiro ano do primário na época, mas quando eu cheguei para me alfabetizar meus pais e avós já tinham me alfabetizado, eu cheguei já pronta. Cheguei aqui com nove anos, já interna por isso que eu vim para aqui, porque quem morava nos engenhos nessa época, nas propriedades, era quem colocavam os filhos internos aqui, porque sabiam que tinha as irmãs que tomavam conta então, tinha muita gente, na época que eu fui interna tinha trezentos e poucos alunos, internos. Tinham três dormitórios grandes (COUTINHO, 2019)

O "Colégio Sagrado Coração de Jesus" compõe as memórias afetivas de Dona Terezinha. Conhecido na cidade como Colégio das Dorotéias, por ter sido gerida pelas irmãs Dorotéias, essa instituição foi fundada em Bananeiras em 02 de fevereiro de 1918, tendo funcionado até os primeiros anos de 1970. Lá Terezinha permaneceria por 8 anos interna, vendo seus pais esporadicamente.

Foi nesta instituição que aprendera a descobrir a cidade. Sobre esse período de adaptação, ela relata que: "Olhe... a gente quase que não tinha nenhum contato com a cidade, a gente era fechada, no colégio a gente não tinha direito nem de conversar com as externas, eram trezentos e poucos alunos e tinha o externato... até o recreio era separado!" (COUTINHO, 2019). Esse sentimento de aprisionamento é fruto da educação ofertada pela instituição à época, como aponta Trindade (2017, p.28):

As escolas normais, em sua maioria, também eram escolas particulares e confessionais com regime de internato estando à educação, na maioria das vezes, sob o domínio da igreja católica e das ordens religiosas que vinham da Europa. Algumas escolas funcionavam em prédios construídos com a ajuda dos moradores da cidade, outras o prédio pertencia à própria igreja, como é o caso do Sagrado Coração de Jesus. Seu prédio pertencia a Diocese de Guarabira/PB, sendo declarado "Estado do patrimônio: o prédio em que funciona este nosso estabelecimento, pertence à diocese. É nos cedido gratuitamente".

O contato com o mundo externo garantiria o segurança física e moral das internas, assim acredita as Dorotéias, ordem que geria a escola à época. O regimento do colégio das Dorotéias de 1972, citado por Trindade (2017, p.29) menciona que as práticas desenvolvidas por elas tinham como "finalidade formar a personalidade de suas alunas mediante uma sadia e

sólida educação social, moral e religiosa, a par de uma cultura intelectual e física segundo os métodos e orientação da pedagogia cristã".

Terezinha ainda relembra os períodos em que era possível sair da escola, geralmente atrelados aos banhos de sol ou as visitas de férias que faziam aos familiares: "A gente não saía de jeito nenhum, chegava no mês de março e só saía nas férias do mês de julho, ia para casa, saía em agosto e só voltava em dezembro" (COUTINHO, 2019). Mesmo com toda rigidez, as memórias também selecionam os bons momentos vividos na instituição: "Para mim o colégio foi a minha segunda casa, as freiras eram excelentes, tinham uma educação esmerada, ensinavam a gente além da educação cristã" (Idem).

Sobre o cotidiano da escola expõe ela:

[...] eu estudei piano, sanfona, pintura e aprendia trabalhos manuais, todos os bordados, crochê, tricô, tudo a gente fazia. Tinha até um negócio engraçado, a gente aprendia a cersir, ninguém fala mais nessa palavra, costurar alguma coisa que rasgava, fazia caseado, pregar botão, até pregar botão a gente aprendia, quando a gente saía estava com uma formação completa (COUTINHO, 2019).

Nos primeiros anos da república a educação feminina era concebida a partir da formação doméstica, era pela educação para ser esposa e mãe que as escolas normais se voltavam. (TRINDADE, 2017). Por acreditar ter recebido a educação que precisava, Terezinha desenvolveu uma forte relação afetiva o prédio que até hoje existe em Bananeiras, e sedia atualmente a Escola Emília de Oliveira Neves. Essa carga de emoção também se justifica por ter se dado naquele espaço o seu primeiro encontro com seu amado esposo Antônio. Por se interna, eles se comunicavam por meio de cartas, que chegavam entre si por meio de uma amiga do casal - Lourdes - estudante externa da instituição:

Era confusão, ele estudava ainda o último ano em Nazaré da Mata. [...] ai vinha as cartas para a casa dos pais e Lourdes trazia no maior aperreio do mundo, nesse tempo a gente usava as capas do livro de papel madeira e ela abria a capa colocava as cartas dentro e ia passando para as meninas e elas me entregavam, eu tirava a carta, a farda da gente tinha um bolso, ai eu colocava dentro do bolso a carta e ia ler lá na casinha, banheiro. Ai era um drama, só sei dizer que a gente passou esse ano assim, era duas, três cartas por semana(COUTINHO, 2019).

Ainda contando sobre as cartas, Terezinha narra como se dava a cultura escolar da instituição, como se organizava seu espaço e como se concebia/vivia a ordem. relatos assim são muito caros à história da educação, uma vez que por meio deles dados do currículo oculto das escolas extintas podem ser captados.

E eu já tinha tanta carta de Toinho no bolso, porque se colocasse em qualquer canto poderiam pegar, porque elas tinham acesso a tudo e a gente tinha uns armários assim que a gente colocava as roupas dobradinhas, cada uma tinha seu número. Meu número era dezenove e todas as minhas roupas eram marcadas com o número dezenove, me lembro até hoje. Ai eu chegava colocava dentro da palhinha do colchão e costurava depois para ninguém ver[...].(COUTINHO, 2019).

As lembranças da escola acabam por se misturar com as doces memórias que guarda de seu esposo. Assim é a memória, atemporal. Ao passo que conversa sobre o passado, vai deixando escapar pequenos e ricos detalhes que caracterizam o ensino e os valores da época. Por exemplo, certa vez por estar de castigo ficou meses sem "colocar a cabeça fora":

Só que a gente foi e para voltar deram uma carona a gente em um caminhão e um monte de menina subindo no caminhão e quando a gente subiu no caminhão, lá vinha Toinho no carro e disse: "Chama Terezinha ai". [...] Só que tinham uns sacos com açúcar e a gente tudo em pé para não sentar nos sacos de açúcar. Ai quando ele chegou que disse: "Chama Terezinha ai", a freira pegou me sentou no saco de açúcar (risos), foi engraçado demais. Ele ainda passou um pedaço, mas elas não deixaram de jeito nenhum ele falar comigo. (COUTINHO, 2019).

A identificação das alunas se dava pelo fardamento, pelas vestes se sabia que tipo de educação se tinha naquela instituição, uma vez que a farda era o cartão de visita da escola, meio pelo qual era identificada e ficava conhecida. Segundo Terezinha, as alunas não podiam sair da escola, bem como conversar com os rapazes, sem estarem de fardas: "Ele sabia que eu era interna porque eu estava de farda. Ninguém entrava e nem saía do colégio sem farda, era desse jeito" (COUTINHO, 2019).

Em seu livro "*Poemas que Brotam do Coração*" (2006), a poetisa escreveu um poema intitulado "*Saudades do Internato*", no qual menciona traços de um tempo que lembra com saudades:

Quando as irmãs percebiam que algo estranho estava acontecendo,
Ficavam de olho para nos pegarem em qualquer momento ou situação,
Para me levarem à Diretoria e me fazerem sofrer uma punição.
Mas mesmo assim foi um tempo bom, e lembro com muita saudade,
Dos momentos que vivemos, nos formando para vida.
Na verdade, foi lá que vivi muitos momentos de felicidade.
(COUTINHO, 2006, p. 60-61)

Ainda sobre a escola, Terezinha escreveu um poema chamado "*Revivendo o Internato no Colégio Sagrado Coração de Jesus*"¹⁵:

¹⁵ Fonte disponível no Acervo pessoal da poetisa.



Encontro das ex-alunas no SCJ, 2019.
Fonte: Acervo pessoal da poetisa. 2019.

Nesta escola vinham estudar/ Eram notórias as qualidades/
Que aqui elas iam encontrar./ Todas nós que aqui estamos/
As Dorotéias agradecemos/ No coração de Jesus nos
formamos/ Dele jamais nos esqueceremos./ Primeiro
encontro neste dia/ com as internas viemos festejar/ Nossas
colegas com alegria/ Outros anos vamos comemorar
(COUTINHO, 2018)

Esse trecho do poema refere-se não só ao Colégio Sagrado Coração de Jesus, mas ao encontro anual das internas que lá um dia estudaram, que acontece anualmente na cidade de João Pessoa-PB. Esse momento já se repetiu por três anos consecutivos e simboliza a relação firme e consistente que até hoje possuem as ex-alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Este encontro oportuniza momentos que reavivam a memória, o tempo passado e a importância do lugar na vida dos sujeitos, levando-os a um reencontro afetivo com suas memórias.

3.2. "*Segunda parada*": Casa de Sólon de Lucena



Fonte: Capa do livro "Poemas que saem da alma", 2005.

"Ai meu Deus, a vida para mim começou ali".(emocionada)
" Quero dizer, nossa vida né? [...]A gente morou de 55 até 65, passamos dez anos lá, eu a adorava". (COUTINHO, 2019)

A casa conhecida por ter sido habitada por Sólon de Lucena foi o palco de uma história amorosa. Mais que o nascimento de um político bananeirense, esta casa marca o relacionamento de Terezinha Coutinho e Antônio Mendonça Coutinho.

Lugar que ele nasceu, onde morou com sua família por dez anos, que foi sede do nascimento de quatro dos seus seis filhos...assim é concebida a Fazenda Roma nos afetos de Dona Terezinha. Segundo ela, a casa foi construída pelos pais de Dr. Coutinho, e menciona que a "Casa Grande", como intitula a casa, "Só quartos eram dez, fora as salas que eram

grandes, enormes. Tinha um quarto dos santos, que tinha um santuário lá bonito ai a gente deixou, tinha o sótão lá em cima e a escadaria para o sótão" (COUTINHO, 2019). E continua:

Tinha um jardim bem grande, a gente plantava muita flor, eu mandei decorar antes do casamento. Eu falo até num jarrinhos que eu comprei em João Pessoa e mandei para plantar cactos, tem cartas dizendo isso. As cartas? Tenho cento e sessenta cartas minha e dele, tem dia que eu choro lendo, porque é mesmo que ele está falando. Sim! Eu gostava muito de planta! Não modificaram nada lá, conservam tudo do mesmo jeito. (COUTINHO, 2019).

Nesse momento, sua fala trava! Para de falar! Era como se tivesse voltando no tempo para reviver, pela lembrança, aquele instante. Fui afetada por aquela experiência! Em um City Tour, realizado como uma das atividades do projeto em 2018¹⁶, passamos pela Casa, não nos deixaram entrar, era privada e não estava aberta ao público. O que conseguimos ver na época foi os lugares de guarda de escravos, uma vez que à época de sua construção Bananeiras vivia ainda em uma sociedade escravista. Sai de lá pensando nos escravos que passaram por aquele lugar, suas dores e sofrimentos. Nesta pesquisa, ressignifiquei a forma de ver aquele espaço, também dotado de momentos felizes, só que em outro momento do tempo.

No livro "*Poemas que saem da Alma*" (2005), a poetisa relata o "Engenho de Roma", como ela intitula a Fazenda da seguinte forma;

Roma quer dizer amor/ O amor que em nós brotou/ Onde escolhemos nosso ninho./ Que você cuidadosamente preparou/ Com um punhado de sonhos/ Que o tempo realizou/ Ao aplinar os caminhos/ Que o bom Deus abençoou/ Roma foi o cantinho mais famoso/ O aconchego mais gostoso/ Que nossa família contente/ Viveu e cresceu docemente/. (COUTINHO, 2005, p.73).

Dona Terezinha é tomada pela emoção quando fala do primeiro dia na casa, outras lembranças surgem e ela conta sobre detalhes até mesmo da iluminação do lugar, pois na época só havia energia até dez horas e era gerada através de motores, depois desse horário eles usavam lampião a gás e óleo. Falando sobre a relação entre eles e os trabalhadores do Engenho, ela se lembra dos partos que ajudou a realizar: "E eu disse: 'onde tem uma tesoura?' e ela respondeu e eu perguntando 'com que eu amarro'? Quando a parteira chegou eu já tinha até cortado o umbigo do menino. Ajudei ela a pegar o menino e tudo, é meu afilhado".

Lugar de escravidão! Lugar de destaque político! Lugar de afetividades! Quantos significados pode possuir um patrimônio arquitetônico? Discutindo o patrimônio afetivo com idosos, Oliveira (2019, p.39) aponta que "Diante das narrativas dos idosos, a questão

¹⁶ Aqui já mencionado na p.2.

emocional, o valor simbólico e a afetividade eram muito maiores e significativos do que a vontade de transformar essas referências em patrimônios formais" e assinala:

O patrimônio de que estamos falando vai de encontro ao patrimônio formal, que é objetivo. Já o patrimônio afetivo, está ligado aos efeitos gerados nos sujeitos, não tendo seu valor baseado nas tangibilidades. Desta forma, não estamos trabalhando com referências monumentais ou das belas artes, como geralmente é o nosso patrimônio oficial, mas estamos expressando sobre o que em um primeiro momento pode ser visto como banal. Entretanto, estão guarnecidos de significados e afetos, esses que convertessem em fatores positivos para o reconhecimento e preservação de um patrimônio, pois possibilita uma relação mais íntima entre os sujeitos e os bens, o que conseqüentemente reflete em apropriação e identificação (Oliveira 2019, p. 16)

Por meio dessa discussão, percebemos que as próprias sensibilidades de dona Terezinha foram educadas. A partir do que ela viveu a fazenda de Roma adquire para ela um outro significado, não mais atrelado à Casa do Sólon de Lucena, mas aos afetos que lá foram vivenciados e marcaram sua vida. No "*Poemas que Brotam do Coração*" (2006), Terezinha expressou seus sentimentos com a casa no poema "*Sempre aos Domingos*": "Todos os dias em "Roma" foram inesquecíveis/ Com todas as preocupações, trabalhos, tristezas e alegrias/ Nós dois vivemos intensamente cada um dos dias/ esperamos sempre os domingos,/ para mais perto estarmos./ E termos mais tempo para juntinho ficarmos". (COUTINHO, 2006, p.51)

3.3. "Terceira Parada": Experiências de Docência e Gestão Escolar

Muito boa, eram gente mais adulta, mais responsável e foi muito bom a experiência de lá. Foram meus primeiros anos de professora. Foi um treinamento muito bom, vinha livro, vinha bolsa, vinha tudo na época. Era muito bom. (COUTINHO, 2019)

Abrimos esta parada de trem com as experiências de docência e gestão de Dona Terezinha, vivenciadas nas instituições: Grupo Escolar Xavier Júnior, José Rocha Sobrinho e Escola Emília de Oliveira Neves. Como uma socióloga de formação superior, esta docente vivenciou recorrentes oportunidades profissionais na Gestão Escolar, fazendo história no contexto educacional de Bananeiras.

No **Grupo Escolar Xavier Júnior**, Dona Terezinha vivenciou sua primeira experiência na docência, a fala que abre este item rememora sua estadia por lá durante os anos de 1978 a 1982. O prédio que sedia esta escola continua com as mesmas linhas originais, constituindo a área tombada do Centro Histórico de Bananeiras. Fundado em 04 de setembro de 1934, através do Decreto nº 521, de nove de junho, o Grupo Escolar Xavier Júnior a primeira escola a ofertar o Jardim de Infância no município. Em 1971 se tornou uma escola da

rede Estadual através da reforma de ensino instituída pela Lei federal 5692/77. Atualmente foi municipalizado e conta com um corpo discente de quase 400 alunos/as.

Francisco Xavier Junior, nome que intitula a escola aqui citada, é um autor paraibano que publicou o livro "*Lições da Língua Materna*", publicado em 1906. A obra foi utilizada nas escolas primárias da Paraíba para o ensino de Língua portuguesa. Xavier Júnior "era professor de Latim, Português, Geografia e História do Brasil, no Liceu Paraibano e exerceu também a Diretoria desta instituição e da Escola Normal Oficial durante o período de 1908 a 1912, além da Direção da Instrução Pública de 1912 a 1915" (RAMOS e SENA, 2015, p.22)

Já o **Colégio José Rocha Sobrinho** foi criado segundo o decreto 2.946/ 62. Passou a funcionar no mesmo prédio do Colégio Sagrado Coração de Jesus após a sua extinção em 1975, permanecendo lá até a construção do seu prédio próprio na Av. Governador Pedro Gondim. Sobre este patrimônio arquitetônico cita Dona Terezinha: "Quando lembro que eu tinha sido aluna daquele colégio, cheguei e fui praticamente criada ali" (COUTINHO, 2019), percebemos o quanto a memória edificada é significativa e carregada de história.

José Rocha Sobrinho, nome que intitula a escola, foi nomeado prefeito na cidade de Bananeiras no ano de 1973, e é colocado pelo historiador Humberto Nóbrega (1968, p.17) como "[...] um desajustado social. Ao que parece, era um exibicionista. Gostava de ser falado, viver em constante evidente, constituir-se o centro de todas as atenções". A escolha de seu nome para nomear a instituição educativa aqui discutida ainda nos é desconhecida.

Após quinze anos sem estudar, escolha tomada após seu casamento, Dona Terezinha decide voltar ao ensino científico (atual ensino médio) e retomar seus estudos. Foi nesta instituição que teve a oportunidade de estudar com seu marido e com sua filha. Juntos e em família, concluíram os ensinamentos pedagógico e científico na instituição, passando no vestibular no ano seguinte, ela e a filha cursariam Ciências Sociais e ele Direito. Sobre isso ela relata: "Nós três numa sala só, pense numa agonia! Depois de quantos anos meu Deus?! [...] Mas passamos os três de uma vez, alegria grande". (COUTINHO, 2019).

Voltando anos mais tarde para a instituição, agora como professora e gestora da escola ela relata - em duas falas - a rotina da escola e as suas exigências na gestão:

Ah, na entrada todo dia tinha que passar pela minha vista, todo hora eu tava de manhã de tarde e de noite. Tinha de entrar com a farda completa, teve um tempo que era meia branca, ai reclamaram e ficou meia preta, ai só entrava de meia e tinha de levantar para eu ver se tava de meia e tudo. (COUTINHO, 2019).

Um dia, no tempo de São João, pegaram uma bomba e colocaram dentro do sanitário e explodiu o vaso: trom (risos). Foi pedaço para todo canto. E pronto, ninguém sabia quem tinha sido. Ai eu disse: "Hoje só saímos daqui na hora que eu descobrir quem

foi que fez isso". Deu uma hora, duas horas, três horas e nada, todo mundo de pé lá no pátio, aquele pátio grande, todo mundo em pé. Eu também não fui para casa, nem almocei, nem coisa nenhuma. Todo mundo com fome, "só vão para casa quando eu souber". Ai ele não aguentou mais e disse: "Fui eu professora". (COUTINHO, 2019).

Formada dentro de uma disciplina rígida, Terezinha leva para sua docente o que aprendeu pelas instituições educativas por onde passou. "Eu era rigorosa, no tempo que eu fui diretora, por isso os meninos hoje valorizam tanto, porque hoje é tudo ao Deus dará. Eu era a primeira a chegar e a última a sair" (COUTINHO, 2019). No entanto, o grande apreço que Terezinha desenvolvia por seus alunos/as era significativo e ficou notável quando descrevia as festas juninas e a colaboração que recebia dos discentes para com a ornamentação e a programação da festa. Os sentimentos trazidos pelas lembranças associadas à escola, bem como ao prédio que a sediou, se misturam as vivências que teve com o lugar.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Emília de Oliveira Neves foi inaugurada em 1980. Neste período carregava o nome de 'Centro Integrado de Educação', vindo a se chamar Emília de Oliveira Neves¹⁷ em 1983. A instituição passou por muitos lugares, até se encontrar hoje, no prédio sede do Colégio Sagrado Coração de Jesus e do José Rocha Sobrinho. Lá ela seria responsável por algumas modificações no ensino

Na minha época só tinha o ensino fundamental, dos primeiros anos até o quarto ano. Eram poucos professores e poucos alunos também, trezentos alunos mais ou menos. Quando sai a escola contava com quase oitocentos alunos, dobrou, a gente fez tudo lá, incorporou o ensino fundamental nas séries finais e também colocamos a Educação de Jovens e Adultos. Ai vinha bolsa, vinha merenda especial, era ótimo! (COUTINHO, 2019).

Em dois anos como gestora da escola Dona Terezinha incorporou inúmeras melhorias, tanto para a comunidade, quanto para os discentes. Com lágrimas nos olhos, ela desabafa "Foi bom demais. Eu fazia o que achava que devia. (*emocionada*) Sinto hoje por não estar fazendo mais. Tenho saudade". (*Grifos nossos*). (COUTINHO, 2019). Há aproximadamente quatro anos, Terezinha Campos Coutinho recebeu da Câmara de Vereadores do município de Bananeiras uma comenda¹⁸ pelos bons préstimos dispensados por ela à cidade.

¹⁷ Emília de Oliveira Neves foi natural de Caiçara. Bastante conhecida na cidade de Bananeiras-PB, lecionou em algumas escolas, incluindo a Escola Estadual Xavier Júnior. Dedicou sua vida a educação e, por isso, quando faleceu em 26 de maio de 1983, o então prefeito da época - José Francisco de Almeida - fez uma homenagem póstuma intitulando o Centro Integrado de Educação de "Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.ª. Emília de Oliveira Neves".

¹⁸ É uma condecoração dada geralmente a quem se destaca em suas profissões.

3.4. Outros lugares, outras histórias, outros patrimônios...

Era a linha de ferro, nessa época, era de trem que a gente andava, raramente andava de ônibus. [...] Eu estava lá no engenho e eu tinha um primo que era promotor de justiça aqui em Bananeiras, aí ele tava lá também, Zé Lins, aí meus avós disseram: "Já que Zé Lins vai para Bananeiras, não precisa a gente ir, Terezinha vai com Joaquim." Pronto, foi nessa viagem de trem que eu conheci Toinho. (COUTINHO, 2019)

O Complexo da Estação em Bananeiras é composto pelo Túnel da Viração, pela Estação (pousada e restaurante) e pelo Museu Simeão Cananeia¹⁹. A Estação de Bananeiras foi inaugurada em 1925, mas quinze anos se passaram até que houvesse a construção de apenas 35 km de linha férrea. O trem chegou a Bananeiras em 22 de Setembro de 1922, durante o governo do presidente Sólton de Lucena, e logo após se deu a construção do túnel Serra da Viração (PAULINO, 2007. p. 36).

Neste conhecido ponto turístico que emoldura o centro Histórico de Bananeiras, foi que se deu o encontro de Terezinha com Antônio Mendonça, durante o ano de 1955. Deste dia ela narra "Hoje se tem como paquera, mas no meu tempo era amor a primeira vista" (COUTINHO, 2019). Nesse mesmo dia

Aconteceu um negócio engraçado dentro do trem, não sei quem foi que comprou umas cordas de caranguejos e eles se soltaram dentro do trem e a gente com medo, e eu de farda. Ele sabia que eu era interna porque eu estava de farda, ninguém entrava e nem saía do colégio sem farda, era desse jeito. Eu nem tinha visto, vinha ele e um colega dele que era muito amigo e estudavam em Nazaré da Mata e voltaram juntos. Eles me viram, eu subi nas cadeiras com medo dos caranguejos, de saía e tudo, quando eu virei para trás eu vi eles, e indaguei: "quem são essas caras que eu não conheço?" (COUTINHO, 2019)

depois dessa viagem de trem Antônio Mendonça a procuraria e passariam a se relacionar por correspondências, trocadas dentro do Colégio Sagrado Coração de Jesus. A história não é linear, os eventos acontecem concomitantemente, e a pesar de neste artigo dividirmos, são memórias que se entrelaçam, são histórias que se constituem mutuamente, as de nossa poetisa e as da cidade de Bananeiras.

Ainda no trem, ela narra outro episódio: "A gente foi tirar uma fotografia para a formatura da oitava série em João Pessoa, marcamos de nos encontrar no trem. Ele vinha de Pernambuco e a gente daqui de Bananeiras. Nos encontramos no entroncamento²⁰ nesse mesmo trem" e continua "[...]a gente marcou para se encontrar no dia 07 de setembro que era o desfile cívico

¹⁹ Foi inicialmente criado como a casa do fiscal do trem em 1922. Tornou-se museu em 2009. Foi criado pelo Decreto Nº 381/2007, durante a Gestão de Marta Ramalho.

²⁰ Entroncamento era o nome de um Engenho que ficava em Cruz do Espírito Santo. Assim se chamava porque recebia trens vindos de Recife-PE, João Pessoa-PB, Natal-RN, Campina Grande-PB e outras localidades.

lá em João Pessoa, foi a primeira vez que ele segurou na minha mão, mesmo desde dezembro do ano anterior a gente já tá namorando"(COUTINHO, 2019). Na volta para Bananeiras ela revela particularidades do percurso de trem:

E na volta uma história engraçada, a menina que foi tomando conta da gente era muito durona, e não podia saber que Toinho estava lá em João Pessoa e que ia voltar com a gente para Bananeiras. Só que o trem tem vagões (um carro, dois carros, três carros). Ele foi no primeiro carro. Os móveis dos carros eram diferentes e tinham restaurantes, porque se faziam refeições dentro do trem, de Natal até Recife, por exemplo. [...] Ai chegou Toinho, as meninas bateram palmas e a mulher ficou assim vidrada quando o viu, vixe Maria! E ele veio e falou com todo mundo e sentou assim perto, não sentou juntinho não. Ai ela chegou e disse: "veio falar comigo?" Grosseira, e disse que eu não poderia ter feito isso e que quando chegasse aqui em Bananeiras ela iria dizer as Irmãs. Ai eu disse: "pode dizer", já tinha passado tudo mesmo!. Ainda fiquei conversando com Toinho, mas só queria que você visse o bolo que deu. (COUTINHO, 2019)

Através das falas da poetisa é possível acessar informações importantes, próprias de uma época, como o luxo dos trens, ao possuir restaurantes e mobília própria; a existência de vagões com três tipos de carro, sendo uns até mais sofisticados que outros... Isso dá uma compreensão maior de como eram realizadas essas viagens em Bananeiras, no passado. Neste contexto, temos acesso a outras histórias não ditas e não registradas sobre o trem. Que ele trouxe melhorias para a cidade de Bananeiras já se é sabido, que representava um traço de modernidade para as cidades onde chegava, levando não apenas pessoas mais cargas dos mais variados lugares também. Maior era a mobilidade dos habitantes da cidade, mais movimento para a economia no que se refere ao comércio, e em termos educacionais a cidade a cidade teria mais acesso a materiais didáticos, que facilmente chegavam pelo trem. Mas será que os sujeitos da cidade conhecem as histórias de romance que se deram no trem? Quantos casais foram feitos e desfeitos no decorrer das linhas férreas? São histórias e sensibilidades ainda não registradas! São outras relações que se dão pelo/com o patrimônio, afetividades que endossam a necessidade de resguardá-lo, de protegê-lo, por dotarem ele de sentido.

Foram estas histórias, carregadas de afeto mas também de fatos, que quisemos aqui registrar. Elas possuem um potencial pedagógico riquíssimo, educando as sensibilidades dos sujeitos que a elas tem acesso. Despertam outros sentidos dado ao patrimônio arquitetônico, caracterizando-o – para além de histórico – como um patrimônio afetivo.

Considerações Finais

Os patrimônios são palcos de momentos de vida. Para além de seu sentido econômico, ele desenvolve um vínculo afetivo com as memórias, que merece ser conhecido e registrado.

Como é possível perceber, os momentos inesquecíveis da vida de Terezinha Campos Coutinho estão imbricados com a história da cidade, com seus patrimônios, dando um novo sentido à essas memórias edificadas. Não só suas sensibilidades foram educadas com o viver deste passado impresso em concreto - o patrimônio - mas os sentidos daqueles que com estas memórias tem contato.

A carga afetiva e emocional das lembranças que esta doce senhora carrega dota o patrimônio histórico como "afetivo". Em Bananeiras, cidade de pequeno porte do município paraibano, local onde todos se conhecem, essa compreensão é bastante significativa, podendo adquirir um potencial pedagógico a ser tão bem utilizado pela metodologia da Educação Patrimonial. As memórias "individuais" quando associadas à história dos patrimônios resulta em um eficiente recurso didático, sensibilizando para a guarda e preservação do patrimônio histórico da cidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. R.; AMORIM, M. A.; Barbosa, X. **Performance e objeto biográfico: Questões para a história oral e de vida**. Oralidades, v. 2, 2007. p . 105.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN, 2007. (p.1-24).
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.
- IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>>. Acessado em 01 de outubro de 2019.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.
- LONDRES, Cecília (org.). Revista Tempo Brasileiro n. 147: **Patrimônio Imaterial**. Rio de Janeiro, out./dez., 2001.
- OLIVEIRA, Milena Behling. **Lugares e memórias: Patrimônios afetivos de Morro Redondo - RS**. 2019. f. 141. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, 2019.
- PAULINO, Kleber; MAGNO, Toscano. Um olhar elementar sobre a Cidade de Bananeiras - PB. João Pessoa - PB. UFPB, 2007. **Monografia** (Graduação em Geografia) Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Departamento de Geociências. Universidade Federal da Paraíba. Campus de João Pessoa.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos [Online], Colóquio, publicada em 04 de fevereiro de 2005. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/nuevomundo/229>>. Acesso em: 15 de outubro de 2019.

PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 164.

RAMOS, Maria Daniela Ângelo; SENA, Fabiana. Lições da língua materna (1906): livro didático de gramática na Paraíba para o ensino primário. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 64, p. 21-33, set2015 – ISSN: 1676-2584.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. Educação dos sentidos e das sensibilidades: Entre a moda acadêmica e a possibilidade de renovação no âmbito das pesquisas em história da educação. **Hist. Educ. (Online)**. Porto Alegre v. 22 n. 55 maio/ago. 2018.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida, COSTA, Wilma Peres. IN PAIVA, Odair da Cruz, LEAL, Elizabete (Org).. **Patrimônio e História**. Londrina, Ed. Unifil, 2014.

TRINDADE, Celiane Pociano da. Colégio Sagrado Coração de Jesus - Uma Instituição a Serviço da Formação de Professoras em Bananeiras (1940 - 1970). 2017. f. 74. **Monografia** (Graduação em Pedagogia) Universidade Federal da Paraíba - Bananeiras, 2017.

ANEXO (TERMO DE CONSENTIMENTO)

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos ao meu Deus Jeová, por me permitir perceber que nunca estive só, por sua notável presença em meu caminho e por toda a força concedida.

Ao meu marido Nielson Barbosa, por seu imenso carinho e compreensão. Por me apoiar e estar ao meu lado em todas as situações, por todas as vezes que aceitou a minha ausência e especialmente pelas vezes que não. Aos meus pais Margarete e Eronides, por todo o amor, cuidado e atenção, mas principalmente por todos os ensinamentos que formaram a pessoa que eu sou hoje.

Aos meus amados irmãos Eronides, Antônio e Eloize que sempre foi a minha melhor amiga. Obrigada por ser essa guerreira e por me presentear com o melhor sobrinho do mundo Valdemir (Neto).

A minha orientadora e grande amiga Vivian Galdino, por estar ao meu lado durante toda a jornada, por me ensinar e se mostrar sempre paciente comigo. Agradeço também a minha querida Terezinha Campos Coutinho pela colaboração e por ter me dado a honra de conhecer a sua história de força, de afeto e superação.

Aos meus sogros Reginaldo e Maria das Dores, por todo carinho, força e apoio. Pelas vezes que assumiram o papel de pais em minha vida, me acolhendo como a uma verdadeira filha.

A minha amiga Andréia, por ter me dado grande apoio, principalmente nos dias finais do curso que para mim foram os mais turbulentos. Obrigada por sua companhia e por todos os conselhos.

A todos que de alguma forma fizeram parte da minha vida acadêmica. Agradeço a toda minha turma, sobretudo minha três grandes amigas, Jacqueline da Silva, Iris Dayane e Ana Paula, por tornar minhas noites mais agradáveis, por compartilhar comigo suas emoções, seus sonhos, suas angustias e alegrias.

A todos os familiares e amigos que permaneceram comigo ao longo de toda essa caminhada.

Elarisse Pinheiro Estevão Barbosa